

## “Eu super me lembro de tudo”: linguagem figurada e memória

### RESUMO

Neste trabalho, apresentamos uma revisão de literatura acerca das influências e relações entre o uso de linguagem figurada e a memória. Motivados por estudos prévios que sugerem a influência de metáforas no armazenamento de memórias e partindo da perspectiva da Linguística Cognitiva, conduzimos uma revisão de literatura, em língua portuguesa e língua inglesa, nas bases de dados Ebscohost, Periódicos CAPES, PubMed, Web of Science, Google Acadêmico e ResearchGate. Dentre os critérios de busca e de inclusão, seis estudos foram selecionados para análise. Muitos desses trabalhos relatam o possível efeito do uso de linguagem figurada em como nós interpretamos os eventos e como os armazenamos. Além disso, há estudos que apontam para a hipótese de que editamos as memórias com base no nosso conhecimento conceitual. No geral, notamos que há espaço para mais pesquisas que focam na memória de eventos completos, ao contrário da memorização de frases isoladas.

**PALAVRAS-CHAVE:** Linguagem figurada. Metáfora. Metonímia. Memória. Linguística Cognitiva.

**Caroline Girardi Ferrari**

[caroline.ferrari@ufrgs.br](mailto:caroline.ferrari@ufrgs.br)

Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil.

**Vinicius da Rosa da Silva Tavares**

[viniciusdasilvatavares@gmail.com](mailto:viniciusdasilvatavares@gmail.com)

Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil.

## INTRODUÇÃO

Temos o costume de conceitualizar nossa memória como um filme: quando nos lembramos de um evento específico, estamos assistindo a sua gravação, tal qual como ele ocorreu. É como se assistíssemos às nossas memórias sentados no nosso sofá, podendo pausar, avançar e voltar à gravação ao nosso bel-prazer. Depois, as armazenamos de volta onde estavam guardadas, de modo que poderíamos consultá-las posteriormente, quando necessário. Essa conceitualização, inclusive, se manifesta na nossa língua metaforicamente. Falamos de memória como um filme ou como um arquivo: nós dizemos que as memórias são “arquivadas”, “armazenadas” ou ‘guardadas”, “descartadas”, “organizadas”, e etc. Porém, como nos informa o neurocientista David Eagleman (2015), as recentes pesquisas em neurociência sugerem que talvez essa não seja a maneira mais adequada de representar a memória. O que as pesquisas têm nos dito é que, quando assistimos ao “filme das nossas lembranças”, o nosso cérebro parece cumprir uma função além de um mero arquivador: a de editor.

David Eagleman, em seu livro *Cérebro: uma biografia* (2015), explica que um evento, quando experienciado, ativa uma complexa rede neural que o registra com uma assinatura elétrica. Imagine que você está conversando com um amigo em uma cafeteria: um padrão de atividade neuronal será engatilhado pelo cheiro do café, outro pelo diálogo com seu amigo, e ainda um outro padrão engatilhado pelo gosto da incrível torta de limão que você pediu. Eagleman explica que essa constelação de atividade neural se conecta com outras e é repetida múltiplas vezes no hipocampo até que as associações se tornam fixas. A rede resultante desses neurônios que são ativados juntos é a assinatura neural do evento e representa a memória do evento.

Além desse complexo sistema trabalhar em conjunto, nossas memórias competem espaço com um número finito de neurônios, que, aos poucos, são co-optados por outras memórias, e, logo, o “filme” das nossas memórias deixa de ter alta resolução e começa a parecer mais nebuloso. Da próxima vez que você for ao café, os neurônios do cheiro podem acender toda a constelação neural da vez que você o visitou com seu amigo, mas alguns detalhes podem lhe escapar: você pode não lembrar a roupa que seu amigo estava usando, ou sobre qual assunto estavam conversando. Digamos que você saiba que seu amigo tem uma preferência por camisas sociais. Isso pode fazer seu cérebro o vestir assim na sua memória, mesmo que não tenha sido o que ele estava, de fato, vestindo. De pouco em pouco, podemos acabar caindo na armadilha de editar nossas memórias para preencher buracos que não lembramos tão bem.

Isso é agravado pelo fato de que nós não percebemos que a memória foi alterada. Nós misturamos eventos, incrementamos o que sabemos do passado com o que sabemos do presente, trocamos pessoas de tempo e lugar, preenchemos espaços vazios com suposições e, sem perceber a teia de nossas memórias, acreditamos fielmente no resultado final como verdadeiro.

Além da competição entre os neurônios, outros fatores parecem influenciar a maleabilidade das nossas memórias. Por exemplo, Loftus e Palmer (1974) demonstram que somos suscetíveis a nos lembrar de um evento de maneira diferente dependendo da maneira como ele nos foi descrito por outras pessoas que também o experienciaram. Em um exemplo pontual do estudo, participantes assistiram a um vídeo de um acidente de carro, e logo foram perguntados, em

inglês, “o quão rápido os carros estavam quando colidiram um no outro?”<sup>1</sup>. A alguns participantes, o verbo “colidir” utilizado na pergunta foi “hit”, enquanto a outros participantes, utilizou-se a forma mais hiperbólica e metafórica “smash”. Aqueles que ouviram a pergunta com smash tenderam a responder velocidades maiores do que aqueles que ouviram a pergunta com hit. Uma semana depois de assistir ao vídeo, os participantes foram chamados novamente para descrever o que lembravam, e alguns dos que foram questionados sobre o evento com o verbo smash relataram ter visto vidro quebrado, algo que não estava presente no vídeo original.

Prototipicamente, o verbo smash é utilizado quando algo é esmagado. O uso de smash para se referir a uma colisão entre carros pode ser hiperbólico e metafórico, e pode ter organizado a mente dos participantes em relação ao acidente de maneira hiperbólica, incitando-os a lembrá-lo com maior intensidade. De certa maneira, é como se o uso da linguagem figurada influenciasse como nós compreendemos a realidade em si, possivelmente afetando a forma como armazenamos informações, afinal de contas, os participantes que lembram do acidente como algo mais intenso têm tal evento como a realidade, e não como algo hiperbólico. Esses achados podem ser evidências empíricas das proposições teóricas de Lakoff e Johnson (1980) de que nós não apenas pensamos e falamos a partir de um sistema conceitual fundamentalmente metafórico, mas que esse sistema organiza a maneira como nós percebemos o mundo, assim definindo a nossa realidade cotidiana.

Esse estudo, de Loftus e Palmer, despertou a nossa curiosidade sobre como o uso da linguagem figurada pode intensificar, alterar, ou até implantar eventos em nossas memórias. A Linguística Cognitiva coloca a linguagem figurada no papel central da organização do nosso sistema conceitual, o nosso sistema cognitivo que organiza os nossos conceitos sobre as categorias do mundo através de relações metafóricas e metonímicas (Lakoff; Johnson, 1980). Por exemplo, quando nos referimos à memória como uma região onde podemos armazenar lembranças, estamos conceitualizando a memória como uma biblioteca, um arquivo, ou um computador, e as lembranças como filmes, livros ou arquivos. Nós entendemos a memória, um conceito abstrato, em termos de conceitos mais concretos, como um lugar, um contêiner.

Isso, para a Linguística Cognitiva, é uma metáfora, um fenômeno pervasivo na linguagem, no pensamento, e na ação. Nessa abordagem, definem-se metáforas como o uso de um domínio conceitual em termos de outro domínio conceitual (Lakoff; Johnson, 1980). Considere o exemplo anterior tratando da memória como uma região de armazenamento. Literalmente, a memória não é um objeto que armazena ideias. Porém, é mais natural compreendê-la, enquanto conceito abstrato, em termos de algo mais concreto, como um contêiner de ideias. Assim, poderíamos dizer que conceber a memória, um domínio abstrato, em termos de um contêiner, um domínio concreto, é motivado metaforicamente pela metáfora conceitual A MEMÓRIA É UM CONTÊINER. Uma metáfora conceitual, portanto, é o mapeamento conceitual estabelecido entre os domínios. Uma metáfora linguística, por outro lado, é a atualização do mapeamento conceitual na língua e nas ações humanas.

As metáforas têm uma base experiencial, que nos permite relacionar conceitos abstratos com conceitos concretos. Isso pode ser facilmente exemplificado pelas metáforas orientacionais, que se baseiam em como nosso

corpo se posiciona no mundo (Lakoff; Johnson, 1980). Pense na frase “estou no fundo do poço”, que significa que a pessoa está em profunda tristeza. Ela é baseada em um mapeamento metafórico de TRISTEZA É PARA BAIXO, e se correlaciona com a orientação do nosso corpo de quando experienciamos tristeza.

Agora, considere uma situação em que uma pessoa diz que possui um Intel Core em sua memória. Além de metaforizar a ideia de memória como um contêiner, a pessoa sugere que sua memória é de eficiente processamento, assim como um processador de computador. Porém, em nenhum momento da conversa menciona-se diretamente a palavra “processador”, mas sim uma marca famosa por sua linha de processadores. Neste caso, vemos a ocorrência de uma metonímia, definida na Linguística Cognitiva como o uso de um domínio conceitual para se referir a outro domínio relacionado (Littlemore, 2015). No exemplo em tela, vemos uma metonímia linguística que trata de um processador por meio de sua marca. Tal instância linguística é motivada pelo mapeamento conceitual PRODUTOR PELO PRODUTO. Assim como para as metáforas, metonímias também são analisadas de forma linguística e conceitual.

Ou seja, para a Linguística Cognitiva, organizamos os eventos do mundo através de aproximações de conceitos, utilizando os (potencialmente) mais concretos para melhor compreender os mais abstratos, menos acessíveis aos sentidos. Nos questionamos, neste trabalho, como essa leitura de mundo, resultante do uso de diferentes metáforas e metonímias conceituais no discurso, pode influenciar a nossa memória. Mais especificamente, através de uma revisão de literatura, verificaremos as relações já estabelecidas por estudos entre o uso de linguagem figurada e a memória. A partir dos resultados encontrados, também sugeriremos possíveis relações entre ambos, visto que muitos estudos, como o de Loftus acima mencionado, não possuem o estudo da linguagem figurada como um objetivo principal. Como hipótese, sugerimos que pode haver uma relação entre o uso de linguagem figurada e as nossas memórias, considerando a linguagem figurada um instrumento recorrente e pervasivo não somente na linguagem, mas também no pensamento e na ação.

## **METODOLOGIA**

Neste trabalho, realizamos uma revisão sistemática de literatura para verificar evidências da relação entre memória e o uso de linguagem figurada. Para pesquisar, foram realizadas buscas nas bases de dados Ebscohost, Periódicos CAPES, PubMed e Web of Science, com os seguintes termos, em inglês e português: “figurative language and memory”, “linguagem figurada e memória”, “metaphors and memory” e “metáfora e memória”. Complementarmente, também realizamos a busca, com os mesmos termos, nas bases de dados cinzentas Google Acadêmico e ResearchGate.

Como critério de inclusão em nossos resultados, consideramos a característica experimental dos trabalhos, a necessidade de envolver o uso de linguagem figurada nas análises, e o fato de terem sido escritos em língua inglesa ou portuguesa. Já como critério de exclusão, foram consideradas as áreas dos trabalhos, o envolvimento de populações clínicas, e a abordagem do tema em contextos de aquisição de língua adicional. Trabalhos de áreas como literatura, filosofia, religião e história foram desconsiderados, prezando por análises orientadas pelos prismas linguístico, psicológico e neurológico. Trabalhos que envolvam populações clínicas e processos de aquisição de língua adicional foram

evitados por tratarem de particularidades relativas aos assuntos, o que não contribuiria com a nossa discussão introdutória sobre linguagem e memória. Considerando nossos objetivos de verificar, de forma geral, trabalhos já realizados, nenhum artigo foi excluído por falta de rigor metodológico ou por ter sido publicado em periódicos menos qualificados.

## RESULTADOS

Em nossas buscas, 23 estudos foram encontrados<sup>2</sup>. Destes, 17 foram excluídos por pertencerem a outras áreas, envolverem processamento linguístico na aquisição de línguas adicionais ou por populações clínicas, ou por seu método não ser experimental. A seguir, apresentaremos os seis artigos selecionados, de acordo com suas temáticas e achados comuns: memorização de metáforas, percepção de eventos, e o efeito do uso de metáforas em nossa memória, originando memórias e percepções falsas (Shafiei; Ghassemzadeh; Ashayeri, 2022; Reid; Katz, 2022; Harris et al., 1999; Zhang; Zheng; Mo, 2022; Cox, 2016; Crawford, 2014).

## OS EFEITOS DAS METÁFORAS NA MEMORIZAÇÃO

Em nossa busca, destacaram-se, primeiramente, os estudos a respeito da memorização de metáforas. Há um interesse em investigar se o uso de expressões metafóricas facilitaria a memorização de informações. Três estudos serão apresentados a esse respeito. Introduzindo-os brevemente, Shafiei, Ghassemzadeh e Ashayeri (2022) concluíram que as metáforas têm um efeito facilitador na memorização de textos: os participantes do estudo lembraram mais facilmente de textos mais metafóricos comparados com textos menos metafóricos. Harris et al. (1999), por sua vez, concluíram que, dentre as frases metafóricas, aquelas que continham metáforas concretas (macacos brincalhões são palhaços, por exemplo) eram lembradas mais facilmente do que aquelas que continham metáforas abstratas (pessoas irritadas são vulcões). A partir desses achados, percebemos que há evidências de que as metáforas facilitam a memorização de frases e textos, e dentre as metáforas, aquelas que são concretas possuem vantagem. Porém, Reid e Katz (2022) investigaram se a memorização de metáforas pode levar a enganos. Os autores ilustram que, ao ler frases que contém metáforas como “TEMPO É DINHEIRO”, seríamos induzidos a lembrar de frases que não lemos, mas que são motivadas pela mesma metáfora conceitual. A seguir, detalharemos os estudos acima mencionados.

Em uma perspectiva de análise de narrativas textuais, Shafiei, Ghassemzadeh e Ashayeri (2022) analisam a memorização de textos em narrativas metafóricas e não metafóricas em persa. 80 participantes foram recrutados para uma tarefa de memorização. Nessa, três pares de textos sobre o mesmo assunto foram formulados: em cada par, um texto continha linguagem metafórica e o outro, linguagem literal. Na primeira etapa, os participantes respondiam a uma tarefa de reconhecimento de palavras, nas formas visual e auditiva. Primeiro os participantes eram expostos às palavras, sendo necessário, em um segundo momento, responder quais palavras foram lidas ou ouvidas. Tal etapa serviu como forma de controlar as habilidades de memorização dos participantes. A segunda tarefa já continha os textos metafóricos e literais, com a avaliação da memorização de curto prazo dos participantes. Novamente, os participantes recebiam os textos-

estímulo de forma oral ou visual e, depois do contato com o estímulo, deveriam escrever as informações que lembravam do texto. Na terceira etapa, que ocorria depois de duas semanas da testagem e avaliava a memória de longo prazo, os participantes recebiam um formulário por e-mail e respondiam o que podiam lembrar sobre os textos ouvidos ou lidos. De forma geral, os resultados indicam que não há diferença entre a memorização de textos escritos e falados e que textos metafóricos possuem mais facilidade para memorização, tanto em memória de curto quanto de longo prazo. Conforme os autores, isso pode ocorrer devido a possíveis criações de redes semânticas mais amplas quando há a utilização de metáforas. Para eles, portanto, metáforas são elementos que podem auxiliar tanto no momento de construção quanto na retomada de conceitos e memórias.

Seguindo as discussões sobre a memorização de metáforas, Harris et al. (1999) buscaram analisar a memorização de metáforas e símiles, de acordo com sua concretude, em língua inglesa e espanhola. Conforme os autores, símiles são mais diretas e explícitas do que metáforas, visto que estabelecem uma comparação direta entre elementos. Em pesquisas anteriores, há a sugestão de que metáforas (ela é uma flor, por exemplo) são compreendidas mais rapidamente do que símiles (ela é como uma flor, por exemplo). No que tange a memória, experimentos em língua inglesa indicam que símiles são lembradas como metáforas, enquanto em língua espanhola, metáforas são lembradas como símiles. Motivados por esses achados, os autores conduzem dois experimentos para verificar a relação entre a compreensão de metáforas e símiles e a memória. Ambos os experimentos são iguais, porém conduzidos em línguas diferentes. No primeiro, conduzido em língua inglesa, 110 participantes americanos ouviram uma lista de 32 sentenças. Dessas, 16 eram símiles e 16 eram metáforas; 16 eram concretas e 16 abstratas. Após ouvir as sentenças, uma tarefa de memória era aplicada, requerendo que os participantes completassem as sentenças ouvidas. No segundo experimento, aplicado em língua espanhola, 78 participantes uruguaios foram entrevistados. Os procedimentos do segundo experimento eram os mesmos do primeiro, apenas traduzidos para o espanhol. Em seus resultados, foram destacados efeitos de língua: em inglês, tanto metáforas quanto símiles tendiam a ser lembradas como metáforas; em espanhol, ambas eram lembradas como símiles. Em relação à concretude das sentenças, ambas as línguas apresentaram maior esquecimento de sentenças com elementos abstratos. Sentenças com elementos concretos, por sua vez, obtiveram vantagem na memória dos participantes.

Portanto, os estudos acima indicam que há uma relação entre a memorização e metáforas: lembramos mais de frases metafóricas do que literais, e lembramos mais de metáforas concretas do que abstratas. Reid e Katz (2022), porém, perceberam que nem sempre a memorização de metáforas é fiel. Os pesquisadores estudaram a ativação de metáforas conceituais, suas correspondências refletidas em expressões metafóricas e seus efeitos ao gerar memórias falsas. Em estudos anteriores, os autores indicam a existência de um “efeito de memórias falsas por metáforas conceituais”, demonstrando que metáforas conceituais poderiam induzir a reconhecimentos falsos. Neste estudo, com o objetivo de explorar tal efeito e a automaticidade na ativação de metáforas conceituais, Reid e Katz desenvolvem dois experimentos relacionando metáforas conceituais, memórias falsas e atenção dividida<sup>3</sup>. No primeiro estudo, 102 participantes leram uma lista de estímulos metafóricos, divididos em dois grupos. O primeiro grupo passou, durante a leitura, por um momento de atenção dividida, enquanto o outro não passou. No momento de atenção dividida, os participantes

deveriam ler uma sequência randomizada de números de 1 a 20, com controle de tempo, e posteriormente gerar outra lista de números randomizados. Após, os participantes respondiam a sentenças-estímulo de reconhecimento, motivadas pelos mesmos mapeamentos metafóricos das expressões lidas anteriormente, ou por mapeamentos novos. Nesse experimento, o objetivo principal era verificar se os participantes reconheciam as metáforas conceituais subjacentes às sentenças-estímulo, ou se eram induzidos, pelas expressões, a reconhecimentos falsos. Por hipótese, ambos os grupos ativariam as mesmas metáforas conceituais automaticamente. Em relação às memórias falsas, os autores propuseram que ambos os grupos seriam afetados pelo efeito de memórias falsas em expressões determinadas. No segundo estudo, 158 participantes foram recrutados para um experimento semelhante ao do primeiro estudo, que objetivava analisar a automaticidade da ativação de metáforas conceituais no momento do seu reconhecimento. O experimento conduzido utilizava as mesmas sentenças-estímulo do primeiro estudo, requerendo que os participantes reconhecessem se as sentenças apresentadas lhes eram familiares – lembradas, conhecidas ou adivinhadas. Dessa vez, todos os participantes passaram por metodologias de atenção dividida e plena.

Em ambos estudos, os autores notaram que a leitura de uma lista de expressões motivadas pela mesma metáfora conceitual pode gerar reconhecimentos falsos de novas expressões que instanciam o mesmo mapeamento conceitual, por exemplo, participantes que leram uma frase motivada pelo mapeamento “TEMPO É DINHEIRO”, como “estamos perdendo tempo” tinham maior probabilidade de lembrar falsamente ter lido frases como “isso é um desperdício de tempo”, pois é motivada pelo mesmo mapeamento. Além disso, não há evidências de que o reconhecimento das frases tenha sido afetado pela condição da atenção. Nos dois experimentos, tanto os participantes com atenção dividida quanto os com atenção plena obtiveram resultados semelhantes. Para os autores, isso indica que a ativação de metáforas conceituais não é dependente de uma atenção consciente. Ainda, sobre a relação dos achados com memórias falsas, os autores sugerem que, dado que metáforas são esquemas que organizam nosso pensamento e sistema conceitual, o esquema é repetidamente ativado durante a leitura de expressões metafóricas. Assim, haveria uma vantagem de processamento para os mapeamentos repetidos, o que poderia gerar os reconhecimentos falsos.

### **METÁFORAS E MEMÓRIAS FALSAS**

A partir do estudo de Reid e Katz, descrito acima, temos indícios de que um certo mapeamento pode nos induzir a lembrar de frases que nunca vimos, desde que elas sejam embasadas nos mesmos mapeamentos de frases que, de fato, tenhamos visto anteriormente. Zhang, Zheng e Mo (2022) estudam mais a fundo o quanto as metáforas do nosso sistema conceitual podem influenciar falsamente as nossas memórias.

Os autores buscaram analisar a relação entre metáforas e memória a partir de um estudo sobre o efeito de metáforas morais de brilho e claridade na memória. No estudo, os autores avaliam a memória dividindo-a em memória de trabalho e de longo prazo. A motivação para essa análise partiu de uma relação metafórica entre os conceitos de claridade e positividade, escuridão e negatividade. Devido às

nossas experiências corpóreas com a claridade e a escuridão, justifica-se a existência de metáforas conceituais advindas dessas experiências: MORALIDADE É CLARA, IMORALIDADE É ESCURA. Para analisar as relações entre as metáforas e a memória, cinco experimentos foram conduzidos em língua chinesa. Os três primeiros buscaram analisar os efeitos de metáforas morais de claridade na percepção da claridade, verificando também a relação com memória de trabalho e memória de longo prazo. Já os dois últimos verificaram se metáforas conceituais de claridade possuem os mesmos efeitos na memória que metáforas orientacionais de claridade. Aos participantes, foram mostradas imagens contendo palavras relacionadas à moralidade e imoralidade, e, depois, foi pedido que o brilho da imagem fosse ajustado por eles conforme a maneira como eles lembravam da imagem original.

Em seus resultados, os autores perceberam que não houve diferença em termos de memória de trabalho. Já na memória de longo prazo, notou-se que havia uma relação entre a lembrança do brilho da imagem e a característica moral ou imoral das imagens. Mais especificamente, os participantes atribuíram mais claridade às imagens com itens mais morais. Os autores sugerem que o nosso cérebro costuma relacionar as imagens de conceitos de conotação positiva a imagens mais brilhantes na nossa memória de longo prazo. Em relação aos experimentos sobre memória de curto prazo e percepção, não houve resultado significativo. No geral, através dos experimentos, os autores perceberam que metáforas com valência positiva<sup>4</sup> em aspectos morais são capazes de alterar memórias de longo prazo, mas não possuem efeitos em memória de trabalho. Segundo os autores, tais resultados indicam que memória e linguagem figurada são construtos que se retroalimentam, sendo a memória capaz de interligar os domínios de uma metáfora conceitual, e a metáfora capaz de alterar uma memória.

Os resultados desse estudo satisfizeram um questionamento que nos surgiu enquanto pesquisamos os artigos para a nossa revisão: será que o uso das metáforas estava influenciando a nossa memória dos eventos, ou a nossa percepção imediata dos eventos? Em outras palavras: será que o uso de metáfora já teria induzido a experiência do evento em si desde o começo, ou será que os participantes tiveram as memórias sobre o evento editadas posteriormente pelo cérebro? No estudo de Zhang, Zheng e Mo (2022), os participantes conseguiram acuradamente ajustar o brilho das imagens no mesmo dia em que as visualizaram, visto que não foi observado efeito na memória de curto prazo e nem na de trabalho, mas erraram quando precisavam recuperar as informações da memória a longo prazo. Essa diferença indica que o evento pode sofrer modificações depois de armazenado, e que essa modificação pode ser influenciada pela metáfora conceitual que embasa nosso entendimento sobre os elementos do evento.

### **AS DIFERENTES MANEIRAS DE PERCEBER E CONCEITUALIZAR UM EVENTO E COMO ISSO AFETA A NOSSA MEMÓRIA**

É seguro assumir, a partir dos trabalhos relatados aqui até então, que as evidências científicas apontam para uma conexão entre o uso de metáforas e a memorização de textos e frases. Além disso, percebemos que as metáforas conceituais utilizadas podem nos induzir a lembrar de elementos que não estavam no evento originalmente, seja lembrando de frases que nunca ouvimos (mas que

possuem o mesmo mapeamento conceitual), seja adicionando elementos que nunca estiveram lá (como vidro quebrado em acidentes de carro), ou tendo percepções visuais alteradas (como lembrando de uma imagem com mais ou menos brilho dependendo do seu conteúdo).

Nós costumamos ter, porém, mais de uma metáfora para entender o mesmo conceito. Tempo, por exemplo, pode ser entendido como um recurso finito (“estamos perdendo tempo com essa discussão”) ou como espaço físico, uma estrada na qual nos movemos (“quando a gente chegar na hora certa, a gente decide”). Cox (2016) investigou se a maneira com a qual enquadramos um conceito poderia afetar a nossa percepção dele e como isso afetaria a nossa memória envolvendo tal conceito.

Para tal análise, Cox (2016) conduziu dois estudos. No primeiro, o objetivo era delinear, a partir da população, como crime era mais comumente enquadrado. Desse experimento, ela concluiu que os enquadramentos metafóricos mais comuns e reconhecidos para se falar de crime eram os de vírus e fera. No primeiro, foram verificadas as associações sugeridas pelos participantes sobre crimes. No segundo, explorou-se a consistência das associações entre crimes e os esquemas metafóricos de vírus e feras. Por hipótese, o conceito de crime enquadrado como um vírus instanciará conhecimentos prévios dos participantes, o que permitiria uma lembrança mais consistente de informações. No primeiro estudo, que conteve a participação de 100 americanos, os participantes deveriam sugerir cinco exemplos, causas e soluções de crimes. Após, eles deveriam sugerir duas causas, tipos e métodos de crimes consistentes com os enquadramentos metafóricos de vírus e feras. Como resultados, a pesquisadora obteve causas de crimes a nível social, exemplos de crimes individuais, e soluções mistas, tanto sociais quanto individuais. Em relação aos enquadramentos, causas sociais foram relacionadas às metáforas de vírus enquanto crimes individuais às de feras. Associa-se ao enquadramento de vírus as situações em que se fala de crime como um problema sistêmico, que permeia grupos sociais, em oposição ao enquadramento de fera, que conceitualiza crime como algo individual, violento e repentino. Esses enquadramentos foram submetidos a especialistas da área que julgaram, em uma escala Likert<sup>5</sup> de 7 pontos, o quanto cada expressão se aproximava do enquadramento vírus ou fera.

A partir dos resultados obtidos, os pesquisadores elaboraram uma tarefa para realizar o segundo experimento. Dessa vez, 200 americanos foram entrevistados através de uma tarefa de julgamento. Na tarefa, era necessário que o participante lesse os estímulos sobre causas e soluções de crimes e julgasse, em uma escala Likert de 7 pontos, o quanto as sentenças eram consistentes com os enquadramentos de vírus e feras. Após, os participantes eram questionados sobre trechos mais salientes das expressões, e sobre as causas, a frequência e a solução dos crimes mencionados. Nesta etapa, os resultados obtidos sugerem que causas e soluções foram relacionadas às metáforas de vírus, enquanto exemplos de crimes às de feras.

Ainda, um último estudo foi delineado com o objetivo de analisar como as metáforas de vírus e feras influenciam as memórias de crimes. 469 participantes foram recrutados a ler ou ouvir uma narrativa que conceitualizava crimes através dos frames de vírus ou de feras. Cabe ressaltar que os participantes foram submetidos randomicamente às condições. Após a leitura, os participantes resolveram problemas aritméticos por cerca de 5 minutos e, posteriormente,

foram submetidos a uma tarefa de memória. Nela, deveriam escrever o tanto de informações lembradas dos textos lidos ou ouvidos anteriormente, e julgar se algumas causas, exemplos e soluções de crimes estavam presentes na narrativa. Como resultado, a autora notou que os participantes tiveram maior facilidade para lembrar de exemplos de crimes, ao invés de causas e soluções. Além disso, houve também uma maior facilidade para lembrar de informações lidas do que ouvidas. No que tange os enquadramentos metafóricos, causas, motivos e soluções de narrativas de crime foram melhor lembradas quando contadas a partir do enquadramento de vírus e não de fera. A autora sugere que isso ocorra porque nosso conhecimento sobre doenças virais costuma incluir claramente uma causa, motivo e solução, enquanto isso não é verdade para nosso conhecimento sobre ataques de animais. Nesse caso, esquematizar algo em termos de vírus pode sugerir uma sequência de eventos, ao invés de somente atos isolados, como um ataque, que normalmente não tem causa ou solução conhecida. Além disso, aqueles que souberam dos crimes pelo frame de fera foram os que mais se lembraram de informações falsas.

### UMA REVISÃO POR CRAWFORD

Ainda, para finalizar, encontramos um capítulo de livro que busca realizar uma análise semelhante à nossa. Crawford (2014) conduz uma revisão de literatura apresentando estudos experimentais a propósito do tema. A autora indica que a importância do tema na própria natureza do fenômeno das metáforas conceituais: se as metáforas são responsáveis por nossa organização conceitual, é sensato pensar que as metáforas também possam influenciar na forma como codificamos e recuperamos informações de nossa memória. Embora a autora não determine sua metodologia de levantamento de estudos, seus achados se organizam em quatro seções: memória espacial, memória autobiográfica, memória do conteúdo dos estímulos e metáforas e esquemas. Por fim, a autora recupera também algumas funções cognitivas de metáforas, visto que cada vez mais os estudos têm sugerido que a compreensão de linguagem figurada envolve múltiplas habilidades cognitivas. Dentre seus achados, destaca-se de interesse para nossa revisão, os estudos de metáforas orientacionais e memória espacial. Metáforas orientacionais são aquelas que aproximam conceitos abstratos com as direções físicas, tais como “BOM É PARA CIMA, RUIM É PARA BAIXO”.

Para tratar desse assunto, a autora retoma um estudo experimental, que investiga se metáforas relativas a orientações espaciais ativariam as mesmas regiões que as memórias espaciais, ocorrendo uma integração entre metáforas orientacionais e memória espacial. Na seção de memórias autobiográficas, a autora mantém sua discussão sobre as metáforas orientacionais, adicionando estados afetivos e posturas corporais como características de uma memória autobiográfica. Em outras palavras, a autora analisa as motivações corporais das metáforas e seus efeitos em nossa memória. Nessa seção, a autora expõe estudos que sugerem relações entre nossas memórias e o uso de metáforas orientacionais com motivações corpóreas, ao passo que também são expostos estudos que refutam tal hipótese, indicando que as mesmas memórias poderiam ter sido gravadas independentemente do uso metafórico. Nesse caso, o uso das metáforas com motivação corpórea pode ser um facilitador, mas não necessariamente o que geraria a metáfora.

Em relação às memórias de conteúdo dos estímulos, a autora introduz diversos experimentos sobre memória e uso de metáforas orientacionais em estímulos de experimentos, verificando relações entre os construtos e suas conotações. A autora conclui que, nesses casos, metáforas orientacionais possuem fortes influências na memória. Em um dos experimentos citados, os participantes lembraram de estímulos de conotação positiva apresentados em locais congruentes, ou seja, localizados mais para cima na tela. No experimento, pode-se inferir que os participantes foram motivados pela metáfora conceitual orientacional BOM É PARA CIMA, memorizando melhor estímulos positivos em posições físicas superiores. Porém, outro experimento semelhante demonstrou resultado contrário: os participantes lembraram melhor de estímulos incongruentes, ou seja, de conotação positiva em localização mais inferior na tela (ou vice-versa). Com isso, a autora conclui que as metáforas possuem efeitos complexos em nossas memórias, ainda pouco estudados.

Na terceira seção de estudos de metáfora e memória, que trata de metáforas e esquemas, Crawford sugere diferenças entre esquemas e metáforas, e suas implicações para o estudo de memórias. Para a autora, os esquemas conceituais são fortemente utilizados em estímulos sociais, enquanto as metáforas possuem o adicional de serem mais abstratas, como um mecanismo único para a nossa cognição. Relacionando tais definições às ideias apresentadas nas seções anteriores, a autora expõe estudos que indicam que conhecimentos que se encaixam a esquemas cognitivos possuem uma melhor memorização. Ao mesmo tempo, há também outros estudos ilustrados no texto que indicam o contrário: quando há uma violação de expectativas, há uma melhor memorização. Conforme a autora, isso também se aplicaria às metáforas. Estudos indicados por Crawford sugerem que incongruências metafóricas, ou seja, exemplos linguísticos que vão na direção oposta às das metáforas conceituais com as quais estamos acostumados, como dizer que tristeza é para cima, geram um maior tempo de processamento, mas uma vantagem de memorização.

Para finalizar o capítulo, a autora retoma as relações cognitivas de metáforas conceituais e outras habilidades, como a atenção, a abstração, a geração de inferências, e a memória. Através dos estudos mencionados, percebe-se que há uma forte relação entre ações físicas, espaciais e motoras, nossas memórias, e nosso sistema conceitual. Dessa forma, metáforas auxiliariam não somente na representação de informações em nosso sistema conceitual, mas também em sua memorização e na recuperação dessas memórias.

## **DISCUSSÃO DOS RESULTADOS**

Embora poucos trabalhos tenham sido incluídos em nossa revisão de literatura, a leitura dos nossos achados nos permite afirmar que, mesmo que o assunto já seja discutido há bastante tempo, desde a década de 70, ainda há poucos estudos sobre o uso de linguagem figurada e a memória. Notamos, inclusive, que a maioria das análises existentes se concentra no fenômeno das metáforas, que é, geralmente, o mais prototípico dentro o prisma de figuras de linguagem. Porém, devido à baixa quantidade de trabalhos com metodologias e populações distintas e à alta concentração das tarefas com somente uma figura de linguagem, percebemos que muitos dos resultados encontrados, quando muito esmiuçados, acabam por se contrariar.

Mesmo assim, podemos verificar alguns pontos comuns entre os trabalhos aqui analisados. Como consenso, percebemos que há, sim, efeitos e influências do uso de linguagem figurada – metáforas, especialmente – em nossas memórias. Independentemente das metodologias adotadas, todos os trabalhos demonstraram vantagens de memorização para textos metafóricos e efeitos na memorização e na percepção de eventos quando os mesmos eram relacionados a determinados usos metafóricos. Nossa hipótese, portanto, é corroborada pelos achados encontrados.

Além disso, também notamos resultados comuns entre as considerações de alguns autores, como Shafiei, Ghassemzadeh e Ashayeri (2022) e Reid e Katz (2022). Shafiei, Ghassemzadeh e Ashayeri (2022), ao analisarem seus resultados, sugerem a ideia de que o uso de metáforas favorece a formação de redes semânticas amplas, que se fortalecem de acordo com o uso. De forma parecida, Reid e Katz (2022) também suportam a afirmação de que metáforas são esquemas que organizam nosso pensamento e sistema conceitual, podendo esses esquemas serem ativados durante nosso processamento de linguagem. Ao relacionar tais sugestões aos achados da neurociência, percebemos convergências sobre o uso de metáforas e nosso fortalecimento de sinapses neuronais. David Eagleman (2015), em sua obra sobre o funcionamento do cérebro, menciona em diversos momentos que redes cerebrais que são constantemente ativadas se fortalecem fisicamente nas sinapses. Dessa forma, podemos sugerir que estudos em Linguística Cognitiva podem servir como evidências que corroborem estudos em neurociência, como responder se o uso de metáforas na linguagem seria capaz de possibilitar o fortalecimento físico de conexões cerebrais. Assim, tais conexões não teriam efeitos somente em nossa produção e compreensão de linguagem, mas também em outras habilidades cognitivas, como a memória.

Dentre os estudos encontrados, uma forte limitação pode ser apontada. De todas as análises reportadas, somente duas tiveram o controle de distinguir qual tipo de memória estava em evidência em seus experimentos. Sabemos, com os avanços científicos das últimas décadas, que é difícil avaliar a memória como um todo. Por isso, é comum que estudos modernos categorizem nossa memória em diferentes aspectos a serem avaliados, como memória de curto prazo, médio prazo, trabalho, etc. Nos estudos aqui reportados que seguiram tal divisão, percebemos que há a convergência sobre o uso de metáforas afetar, de forma mais estabilizada, nossas habilidades de memória de longo prazo. Não foram relatados, nos estudos analisados, efeitos em memória de curto prazo ou de trabalho.

Destaca-se positivamente que, dentre os poucos estudos que encontramos, há uma pluralidade de grupos amostrais: encontramos trabalhos em diversas línguas, com diversos grupos geográficos. Isso aponta para uma possibilidade de generalizar os resultados, o que indica que o efeito da metáfora na memória não é uma característica exclusiva de uma só língua.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, com o objetivo de verificar relações entre o uso de linguagem figurada e memória, pudemos encontrar diversos estudos relacionando positivamente o uso de metáforas e o de memória. Mesmo assim, destacamos que o assunto é um campo ainda pouco explorado e com muito potencial para futuros

trabalhos. Durante nossas buscas, percebemos que há espaço para pesquisas diversificadas, em variadas línguas, e com populações sócio geográficas distintas, sobre como os mapeamentos conceituais influenciam memórias e percepções de eventos, para além da memorização de frases isoladas. Para trabalhos futuros, sugerimos que uma busca semelhante seja realizada ampliando o escopo do estudo para outros termos de busca, com outras figuras de linguagem, como analogias, hipérboles, expressões idiomáticas, provérbios, verificando possíveis relações entre a memória e a compreensão de outros fenômenos. Além disso, tal busca também poderia englobar populações clínicas e bilíngues, dado que o estudo da linguagem figurada nesses grupos sociais é bastante profícuo e pode sugerir diferentes considerações sobre o uso de linguagem figurada e memória.

No geral, os trabalhos sobre metáfora encontrados se encontram congruentes com as pesquisas de Neurociência, como o que é relatado por Eagleman em seu livro e, também, com a literatura mais específica da área. Nossas memórias costumam ser editadas pelo nosso cérebro baseado em nosso conhecimento (tanto posterior quanto anterior) sobre os elementos do evento, e isso também vale para o nosso conhecimento conceitual dos elementos do mundo<sup>6</sup>.

# “I super remember everything”: figurative language and memory

## ABSTRACT

We present here a systematic review regarding the influence and links between the use of figurative language and memory. Having been motivated by previous works that suggest the influence of metaphors in memory storage, and assuming the Cognitive Linguistics perspective as our framework, we have conducted a systematic review in both Portuguese and English, using the following databases: Ebscohost, Periódicos CAPES, PubMed, Web of Science, Google Scholar, and ResearchGate. Six studies were found that matched our criteria for inclusion. Many of these studies have shown that figurative language might indeed affect how we interpret and store certain events. Besides that, studies show that we might even edit our memories based on our conceptual knowledge of the event. We have noted that there is room for more research that focuses on memory of complete events as opposed to the memorization of sentences out of context.

**KEYWORDS:** Figurative language. Metaphor. Metonymy. Memory. Cognitive Linguistics.

## NOTAS

1 Tradução nossa. Trecho original: “About how fast were the cars going when they\_each other?”.

2 Todas as referências encontradas nesta revisão de literatura podem ser acessadas em: <https://osf.io/2jegn/>

3 A saber, o conceito de atenção dividida refere-se a um tipo de atenção em que há foco em pelo menos dois estímulos concorrentes (Spelke; Hirst; Neisser, 1976; Noronha et al., 2008).

4 O conceito de valência pode ser definido como o grau em que determinadas palavras possuem conotações positivas, negativas ou neutras (Ponari; Norbury; Vigliocco, 2018).

5 Trata-se de uma escala de avaliação que permite ir além do binarismo “sim/não” ao possibilitar que o participante escolha uma ou mais opções em uma escala de múltiplos pontos (Christensen; Johnson; Turner, 2015, p. 352), tais como: concordo completamente, concordo parcialmente, não concordo nem discordo, discordo parcialmente, discordo totalmente.

6 Agradecemos à Profa. Dra. Ana Beatriz Arêas da Luz Fontes (PPG Letras/UFRGS) pela leitura da primeira versão deste manuscrito e por suas sugestões, que muito contribuíram no aprimoramento da nossa discussão.

## REFERÊNCIAS

CHRISTENSEN, Larry; JOHNSON, Burke; TURNER, Lisa. *Research Methods, Design, and Analysis*. Global Edition. 12th ed. Pearson, 2015.

COX, Sarah Elizabeth. *Metaphor and Memory: How Metaphors Instantiate Schemas in and Influence Memory of Narrative*. Honors Papers, 2016. Disponível em: <https://digitalcommons.oberlin.edu/honors/227>. Acesso em 01 jun. 2022.

CRAWFORD, L. Elizabeth. The role of conceptual metaphor in memory. In LANDAU, M.; ROBINSON, M. D.; MEIER B. P. (Eds.). *The power of metaphor: Examining its influence on social life*. American Psychological Association, 2014, p. 65–83. Disponível em: <https://doi.org/10.1037/14278-004>. Acesso em 31 mai. 2022.

EAGLEMAN, David. *Cérebro: uma biografia*. Rio de Janeiro: Rocco, 2017. 256 p.

HARRIS, Richard Jackson; TEBBE, Michael R.; LEKA, Gary E.; GARCIA, Reina Coral; ERRAMOUSPE, Raquel. Monolingual and bilingual memory for English and Spanish metaphors and similes. *Metaphor and Symbol*, v. 14, n. 1, p. 1-16, 1999. Disponível em: [https://doi.org/10.1207/s15327868ms1401\\_1](https://doi.org/10.1207/s15327868ms1401_1). Acesso em 31 mai. 2022.

LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. *Metaphors we live by*. Chicago: University of Chicago Press. 1980.

LITTLEMORE, Jeannette. *Metonymy: Hidden shortcuts in language, thought and communication*. Cambridge: Cambridge University Press, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.1017/CBO9781107338814>. Acesso em 16 out. 2023.

NORONHA, A. P. P., SISTO, F. F., RUEDA, F. J. M., & BARTHOLOMEU, D. (2008). Evidência de validade desenvolvimental para o teste de atenção dividida. *Psico*, 39 (4), 492-499. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/index.php/revistapsico/article/view/2033>. Acesso em 16 out. 2023.

LOFTUS, Elizabeth F.; PALMER, John C. Reconstruction of automobile destruction: An example of the interaction between language and memory. *Journal of Verbal Learning and Verbal Behavior*, v. 13, n. 5, p. 585-589, 1974. Disponível em: [https://doi.org/10.1016/S0022-5371\(74\)80011-3](https://doi.org/10.1016/S0022-5371(74)80011-3). Acesso em 15 mai. 2022.

PONARI, Marta; NORBURY, Courtenay Frazier; VIGLIOCCO, Gabriella. Acquisition of abstract concepts is influenced by emotional valence. *Developmental science*,

v. 21, n. 2, p. e12549, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1111/desc.12549>. Acesso em 16 out. 2023.

REID, J. Nick; KATZ, Albert. Conceptual metaphors influence memory automatically: Evidence from a divided attention false memory task. *Memory & Cognition*, p. 1-14, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.3758/s13421-022-01322-1>. Acesso em 31 mai. 2022.

SHAFIEI, Fatemeh; GHASSEMZADEH Habibollah; ASHAYERI Hassan. Effect of Conceptual Metaphors on Memory: A Preliminary Study on the Visual and Auditory Recalling. *British Journal of Teacher Education and Pedagogy*, v. 1, n. 1, p. 90-100, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.32996/bjtep.2022.1.1.10>. Acesso em 01 jun. 2022.

SPELKE, Elizabeth; HIRST, William; NEISSER, Ulric. Skills of divided attention. *Cognition*, v. 4, n. 3, p. 215-230, 1976.

ZHANG, Shijia; ZHENG, Jianhong; MO, Lei. The effect of the brightness metaphor on memory. *Psychological Research*, v. 86, p. 1-12, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1007/s00426-021-01611-5>. Acesso em 01 jun. 2022.

**Recebido:** 26 dez. 2022

**Aprovado:** 07 out. 2023

**DOI:** 10.3895/rl.v25n47.16226

Como citar: FERRARI, Caroline Girardi; SILVA TAVARES, Vinicius da Rosa da. "Eu super me lembro de tudo": linguagem figurada e memória. *R. Letras*, Curitiba, v. 25, n. 47 p. 85-101, jul/dez. 2023. Disponível em: <<https://periodicos.utfpr.edu.br/rl>>. Acesso em: XXX.

**Direito autoral:** Este artigo está licenciado sob os termos da Licença Creative Commons-Atribuição 4.0 Internacional.

